

CAOS NEON

MARCO T. ALVES

UMA NOVELA
CYBERPUNK

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

INIMIGO PÚBLICO

A Triban cinza idealizada para longas pedaladas em estradas e trilhas desliza como uma flecha pela Francisco Assis Garrido no Jardim São Luís, rapidamente ganhando outras ruas e vielas amontoadas por sobrados e construções elevadas de maneira irregular, emaranhadas por cabos de energia e rede em rudes agrupamentos que desafiam a gravidade e escancaram o descaso dos poderes públicos e privados.

Wesley, não mais que dezoito, negro, calças pretas de tacetel presas no tornozelo com munhequeiras brancas, camisa preta dos Racionais MC's, óculos com aros grossos azuis faz o contorno da João Dias pedalando furiosamente em meio ao caos automobilístico, mesmo para um domingo a tarde, conquistando sem demora a Ciclovía Ponte Laguna que corre paralela à Marginal Pinheiros, deixando a vista da periferia cada vez mais para trás.

O *bikeiro* atravessa para a Ciclovía Rio Pinheiros completamente deteriorada e tomada pelo mato que cresce

espesso nos dois lados e que atravessa o pavimento em qualquer brecha que encontre. À sua direita, no rio homônimo, projeções holográficas monocromáticas de uma flora aquática já quase que totalmente extinta. Quelônios dos mais diversos, carpas, botos, peixes siameses de briga, peixes elétricos, peixes-gatos, ariranhas famintas, além de esporádicos e imponentes jacarés que ornaram todo o espaço acima da lodosa, cada vez mais fétida e mortífera água que ali fluiu desde que o congelamento das ações de despoluição foi decretado pela terceira vez na última década. Caçam, nadam e fogem sobre a correnteza fluorescente verde, alumada graças a gastos exorbitantes com fitoplanctons bioluminescentes sintéticos.

Saindo pelo Parque do Povo, no Itaim Bibi, é acompanhado de longe pelos drones de segurança particular responsáveis por aquele espaço público. Wesley exhibe o dedo médio sem se voltar a um dos que se aproximou um pouco além dos demais.

Alcança a Cidade Jardim, morta, corta para a Faria Lima onde perde um racha para uma Lamborghini amarela. Na Rebouças sorve um pouco de água, faz um bochecho e cuspe. Depois a Henrique Shaumann, onde é abordado pela Polícia Militar pela primeira vez no dia, perdendo meia hora em explicações de que só está exercendo o direito inalienável a seu segundo tipo de festa favorita: pedalar por sampa, mas nada de mencionar negócios, eles iriam querer encontrar drogas ou armas que não carrega e isso só atrasaria mais as coisas. Após ganhar célere e humilhante revista,

partiu Paulo VI. Corta a Dr. Arnaldo chegando finalmente ao Pacaembu.

Desce a Cardoso de Almeida com pressa, pega uma à direita e logo chega ao seu destino, Cássio Martins Vilaça, o que o faz diminuir consideravelmente a velocidade diante da dificuldade de ali identificar a numeração das residências.

É acompanhado pelas câmeras e um ou dois drones de vigilância comunitária. Percebe em uma das casas um desses *dogbots* chineses, cachorros autômatos vigias que só havia visto na rede e em propagandas.

Seu destino, uma mansão que ocupa o terreno de duas. Guardada por um enorme muro cinza, intercalado com colunas de tijolos expostos, um portão para passagem de carros e uma porta pequena para a entrada de funcionários. Ninguém entra e sai a pé ali, a não ser os funcionários.

Antes que toque o interfone ao lado, uma voz sensual e madura anuncia para que se dirija até a entrada da garagem. Encosta a *bike*, tira as munhequeiras dos tornozelos e as coloca nos punhos.

Chega empurrando a bicicleta, o portal abrindo em consonância, revelando um segurança de cabeça raspada, o imponente corpo sob um justo terno cinza chumbo, gravata e camisa preta ao lado de uma morena do tipo Paolla Oliveira. Olhar felino, lábios carnudos, cabelos castanhos esvoaçantes e o corpo escultural cingido pelo preciso terno preto riscado. Sonia, com a opacidade marcada no ponto intermediário, que a deixa com um leve estado de transparência,

uma assistente virtual echo, simulação holográfica e interativa graças a inteligência artificial cuja opacidade é ajustável, do nível 1, uma aparição um pouco fantasmagórica ao nível 3, totalmente presente.

– Boa tarde, seja bem-vindo, Wesley. – Sonia, dona da voz no interfone, exibindo simpático sorriso.

– Boa tarde, dona...

– Sonia. Queira me acompanhar, por favor.

Encosta a bicicleta na parede e arremessa a chave do cadeado para o segurança como quem dá as chaves a um manobrista.

– Confio em você. – todo marrento.

Wesley a segue pelo jardim e depois pela casa, desenhada com arquitetura brutalista. Concreto e madeira, blocos enormes, paredes de vidro, portas de aço negro. No meio do percurso, o segundo *dogbot* do dia. Está mesmo em outro universo, uma realidade paralela. É observado pela criatura fria e intimidadora, sua carcaça coberta por placas hiper ajustadas de cobalto, as juntas de compósito a base de metal e plástico, os olhos vermelhos que tudo registram.

– Por aqui, por favor. – indicando uma porta.

Seguem através de cômodos e áreas com esparsa mobília, o que gera eco a cada passada sua. Percebe então que não se trata de uma residência, mas sim de um endereço comercial. Ingenuidade sua, claro, nunca que o iriam levar para dentro de seus lares.

Sobe por uma larga escada de concreto, sem corrimão, até o segundo piso, seguindo-a por um corredor por onde

alternam portas sem maçanetas, fechadas por sistema digital, até se deparar com a última, o dobro de largura das demais. A do chefe, certamente.

Sonia pede um instante e desaparece, deixando-o um tanto desamparado naquela fria imensidão. Esperava luxo, sim, mas reconhece que o choque foi verdadeiro. Um sentimento de covardia o apodera brevemente, porém logo suplantado por uma apatia que o deixa absorto, como sonhar acordado durante uma interminável expectativa.

Desperta com o zunido eletrônico das portas, que se abrem para dentro, revelando um escritório *clean*, com uma extensa mesa em mármore cheia de cadeiras para reuniões à esquerda e à direita, com as costas para a parede, uma mesa com um *design* industrial arrojado, de jacarandá e hastes de aço, um Mac Virtua de última geração e o chefe sentado em confortável cadeira revestida com couro negro. Circundado como se estivesse em um Museu, pendurado na parede atrás dele o quadro *Portrait of Monsieur Pertuiset The Lion-Hunter*, óleo em tela que data de 1881, obra de Édouard Manet obtida através de estratégias e manobras agressivamente ilegais, ainda que sem violência física, junto ao Museu de Arte de São Paulo.

Alexander Gorky, um homem de estatura média e corpulento. Mãos fortes e espáduas largas que lhe conferem a aparência de um boxeador aposentado. Os cabelos acobreados jogados para trás com goma seca.

Sobre sua mesa, a direita, telas holográficas projetadas dispersamente. Bolsas de Xangai, Londres, Frankfurt, Nova

Iorque, Nasdaq, Ibovespa, Moscou. À esquerda, gráficos e notícias sobre intenções de votos, pesquisas de opinião. Em destaque, um gráfico que exhibe como a aprovação de Shaylon Jackson não para de despencar.

Wesley limpa a mão na barra da calça e a estende. Continua suando. Gorki minimiza as projeções com um movimento sereno e circular com a mão direita e se levanta, estendendo-a em reciprocidade. Cumprimentam-se veementemente fixando-se nos olhos, exibindo firmeza e confiança aparente. Como que passe de mágica, um exaustor é acionado exalando uma fragrância com notas amadeiradas.

– Tem certeza de que já é maior de idade?

– O quê?

– Perdoe a minha brincadeira. Pensei que fosse mais velho.

– Tranquilo. – Sentando-se.

– Fique à vontade.

É mapeado sagazmente por seus intensos olhos cinzentos acompanhados por uma respiração arfante, de quem permanece eternamente em batalha.

Penteado, olhos, postura, roupas.

– Presumo que esteja curioso.

– Minha experiência me indica algumas possibilidades, minha imaginação completa o resto. – Wesley, olhando ao redor, sem esconder a admiração.

Alexander abre uma gaveta e puxa uma caixa de charutos cubanos.

– Incomodo?

– Sim. Mas fica à vontade, a casa é tua mesmo.

Seu olhar cintila como o de um grande predador listrado das Tundras na Rússia Oriental seguido de um sorriso que exprime algo próximo de satisfação. Com muita serenidade ele o acende e traga sem pressa. Saboreia seu vício sem culpa, nem mesmo diante de uma tímida tosse do visitante.

– Preciso que encontre uma pessoa dentro da rede. Um rapaz com quem minha filha se envolveu recentemente. Alguém de baixo calão, um marginal.

– Seu namorado virtual?

– Nunca se conheceram fisicamente, acredita nisso?

– Claro.

– Para mim é difícil de digerir. – exala extensa cortina de fumaça proveniente de sua potente caixa torácica. – Não é real. Algo assim, seria como viver um sonho.

– Tudo é sonho.

– O mundo está morto então. – libera pequenos socos na mesa, as estocadas secas e profundas, atingindo-a com as articulações médias. – Acredito nisso aqui. Se você não pode tocar, não pode usufruir em toda a sua extensão. Acredito no concreto, no aço, no fogo e na terra. Eu entendo aquilo tudo. A necessidade das pessoas. Acredito piamente que é um dos melhores lugares para se lucrar legal e ilegalmente. No oceano de dados da rede. Lá, onde todas as almas perambulam submissas e ninguém mais pertence a si mesmo.

Wesley permanece um tanto constrangido após entrar em contato com sua filosofia e sente que precisa dar algum tipo de resposta a sua altura, o que não lhe ocorre.

Agradecimentos

A minha família, principal fonte de minhas alegrias, por quem acordo todo dia tentando fazer nosso mundo melhor. Minha esposa Mari e meu filho Tiago. Meus pais, pela minha criação, Walter (RIP) e Ana. Gratidão que estendo aos meus avós, Roberto, Ruth, Walter e Nayde. A meu irmão, Luiz, sempre solícito quando instado a me ajudar.

A todas as obras que bebi e me embriaguei, sejam de inventores, mestres ou operários padrão. Tornaram possível fazer com que minhas histórias me escolhessem, mera antena de ideias e projeções, possibilitando minha expressão com sincera franqueza.

A todos os leitores que permitiram minhas obras viverem em suas imaginações. Minha eterna gratidão pela comunhão.

A felicidade não é melhor quando expressa em palavras, mas mesmo assim, obrigado.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ITC New Baskerville Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em fevereiro de 2024.
